

## STUART HALL E A ESCRITA ESTRUTURADA COMO MÚSICA

### STUART HALL AND WRITING STRUCTURED LIKE MUSIC

POR LIV SOVIK\*

#### RESUMO

Abordando interações com a obra de Stuart Hall e sua única vinda ao Brasil, em Salvador, em Congresso da ABRALIC (2000), relembra impactos entre partícipes do evento, na imprensa e universidades locais; como seu conceber colonização alteraram focos sobre raça, diáspora, críticas ao eurocêntrico, diversificando leituras sobre seu pensar e intervir em culturas contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura, diáspora, repertórios negros, metáforas, olhar representações.

#### ABSTRACT

This article talks about the interactions with the work of Stuart Hall and his only visit to Brazil, in Salvador, at the ABRALIC Congress (2000), remembers the impacts between the event participants, in the press and local universities; how his ideas about colonization changed the focus on race, diáspora, critics to eurocentrism, diversifying lectures about his thoughts and interference in contemporary cultures.

**KEYWORDS:** culture, diáspora, black repertory, metaphors, representation.

Uma nota sobre a conjuntura pessoal e política: meu contato com a obra de Stuart Hall coincide no tempo com a minha carreira de professora universitária. Eu comprei um exemplar de *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies*<sup>1</sup> no ano em que foi publicado, que por acaso foi o ano em que comecei a lecionar na Universidade Federal da Bahia, em Salvador. Um artigo contido nesse volume, “What is this ‘black’ in black popular culture?”<sup>2</sup>, me permitiu discutir, na primeira vez em que participei em uma banca de mestrado, que um baile funk no bairro de Periperi, em Salvador, era um fenômeno da cultura negra, embora não se chamasse assim e seus participantes não fizessem disso uma questão. O artigo também me ajudou a pensar sobre as políticas raciais e culturais da cidade e do estado da Bahia, governados por uma elite política e econômica branca que constantemente invocava o patrimônio cultural negro como herança sua.

Esse sistema de poder político e cultural foi encabeçado pelo último chefe político tradicional do estado, Antônio Carlos Magalhães (1927-2007), uma versão baiana do Marechal Tito da Iugoslávia. ACM foi um governante autoritário de notável complexidade; considerado como astuto até por seus inimigos, ele ameaçava e protegia as pessoas, unindo-as em torno de si. Uma foto de ACM usando a faixa oficial de governador era frequentemente vista no alto das paredes dos estabelecimentos comerciais. Ele promoveu a Bahia como um destino turístico por suas belas praias e por seu lindo povo e cultura negros, projeto no qual o fotógrafo e antropólogo Pierre Verger, o romancista Jorge Amado, o projeto social do grupo de percussão Olodum e os interesses dos músicos tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal

Costa poderiam fazer parte. ACM exercia um grande domínio sobre a mídia; possuía, por intermédio de familiares, seis canais de televisão afiliadas à Rede Globo, assim como três estações de rádio e um jornal. Ele cooptou e coagiu movimentos culturais e artistas populares: subsídios estaduais sustentavam a vida cultural e financiamentos eram cortados de quem tivesse impulsos críticos na arena política, por exemplo, apoiando candidatos da oposição.

Foi nesse contexto baiano que, em 1999, como membro da comissão organizadora da conferência bienal da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), sobre o tema "Terras & Gentes", eu fui responsável por escrever cartas para convencer Stuart a falar na sessão de abertura do congresso em 25 de julho de 2000. Quando aconteceu, a sua presença e a de Paul Gilroy e, brevemente, Gayatri Spivak, causaram impacto na imprensa e nas universidades locais, bem como nos participantes de congressos, todos acostumados a verem apenas pessoas brancas em posições de prestígio acadêmico. Na sua palestra para centenas de acadêmicos, Hall começou em tom de brincadeira, dizendo que ia fazer uma incursão na desconstrução da história oficial das origens da escola de Birmingham através de uma reflexão sobre "o papel da Bahia no desenvolvimento dos Estudos Culturais".<sup>3</sup> A Bahia, junto com a literatura antropológica sobre as sobrevivências africanas que ele tinha lido na década de 1950, foi a porta de entrada que ele usou para discutir a diáspora. Sua conferência foi intitulada "Diásporas, ou a lógica da tradução cultural."

Na palestra, Hall concebeu a colonização não como um efeito da hegemonia europeia, mas como um evento histórico mundial,

abrangendo um processo de "expansão, exploração, conquista, colonização, escravidão, exploração econômica e hegemonia imperial pelo qual a Europa se reinventou." Como sabemos, essa concepção muda o foco histórico da Europa moderna para as periferias globais. Ela não celebra a diversidade cultural da periferia como o rico fruto da globalização, mas a entende como o produto da recusa e da persistência de povos distantes dos centros de poder metropolitanos. Ademais, essa perspectiva identifica a modernidade ocidental não com “a Soberania Universal da Razão [*Universal Rule of Reason*] – uma figura bastante traiçoeira, mesmo sob as melhores condições – mas com esse caráter de sobredeterminação e de sutura de seu poder e o caráter suplementar dos seus efeitos”.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, Hall identificou no racismo, bem como em discursos sobre gênero e sexualidade, a exceção à regra segundo a qual a diversidade é entendida como construção cultural. Tais discursos efetivamente naturalizam a diferença e são, portanto, cruciais para a colonização e os sistemas pós-coloniais de poder. Assim Hall volta a uma questão importante para a política baiana (pode-se dizer, brasileira): a durabilidade da dominação branca sob a bandeira da identidade mestiça. Em conclusão, ele destacou duas opções:

As culturas emergentes que se sentem ameaçadas pelas forças da globalização, da diversidade e da hibridização ou que fracassaram de acordo com a atual definição do projeto de modernização, podem ficar tentadas a se fecharem em suas inscrições nacionalistas e construir muralhas defensivas contra o exterior. A alternativa não é de agarrar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de "pertencimento cultural", mas começar a aprender a abraçar processos mais amplos - o jogo de semelhança e diferença - que estão transformando a

cultura no mundo. Este é o caminho da "diáspora", o caminho de um povo moderno e uma cultura moderna.<sup>5</sup>

Hall mudou o foco de uma crítica geral da dominação para as realizações das sociedades diaspóricas - culturais, políticas, sociais - como ponto de vista a partir do qual enxergar alternativas. Ele propôs outro tipo de centralidade para a cultura diaspórica: histórica, política e epistemológica, não uma espécie de distração cultural frente à desigualdade. Na Bahia, onde se estabelece uma contradição entre a aceitação do reconhecimento de repertórios culturais negros e a percepção de que o racismo continua operando como de costume, Hall forneceu uma crítica eficaz.

Uma grande coletânea de seu trabalho que organizei para a Editora UFMG, intitulado *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*,<sup>6</sup> foi resultado direto da conferência da ABRALIC. Lançado em maio de 2003, a tiragem inicial de dois mil exemplares se esgotou em quatro meses e o livro continuou a vender bem desde então, para leitores(as) em um amplo espectro de disciplinas, tanto nas universidades quanto fora delas. A popularidade deste livro e de seu longo capítulo "A Questão da Identidade Cultural", de *Modernity and its Futures*, livro-texto da Open University (o capítulo foi lançado no Brasil em 2000 como *A identidade cultural na pós-modernidade*<sup>7</sup>) é prova da relevância de Hall para o contexto brasileiro. Hall explicou essa popularidade nos seguintes termos: "Talvez esse sucesso se deva ao fato de que o Brasil tem uma relação com as culturas europeias muito parecida com a do Caribe. E esse é o tema subjacente de quase todos os meus trabalhos. No fundo sempre escrevo sobre isso. É do que estou falando quando escrevo sobre a hibridização,

sobre a criolização, sobre a diáspora. Creio que, no Brasil, as pessoas se sentem muito tocadas por esse tema”.<sup>8</sup> Uma das contribuições de Hall para debates brasileiros foi ajudar a superar comparações entre diferentes culturas nacionais com relação à “raça”, iniciadas com os estudos da UNESCO nos anos 1950, que levaram à análise das particularidades dos sistemas de classificação racial brasileiros. Esses estudos não conseguiram debelar, no senso comum, o mito das vantagens relativas de um racismo supostamente “mais suave” no Brasil. Outra das grandes contribuições de Hall para o debate intelectual brasileiro está relacionada ao paradigma da diáspora e seu potencial para pensar processos em escalas local e global ao mesmo tempo e sobre a produção cultural nos países do Atlântico negro como interligada, mutuamente constituída. Esta contribuição veio precisamente em um momento em que a popularidade de formas culturais da diáspora identificadas com as periferias das grandes cidades, como o hip-hop, foi notícia de primeira página por causa de seu poder de venda independentemente da grande mídia.

Após o sucesso desses livros, porém, surgiram algumas dificuldades em compreender seu trabalho e algumas controvérsias também. Foi surpreendente ouvir que Hall é uma leitura fácil na Índia, como Susie Tharu indicou na plenária em sua homenagem no congresso em Hyderabad da International Association for Media and Communication Research (IAMCR), em 2014: "Quero focar em sua escrita, deslindar as razões estruturais para a sua facilidade de acesso. Por que nos é tão próxima? Por que entramos nela com tanta facilidade?" Primeiro, ela diz, ao contrário de outros, a quem ela se refere em tom de

brincadeira como "teóricos franceses," Hall "é capaz de apresentar suas ideias como fundadas em uma história, uma geografia e uma formação social estruturada de maneira complexa. Hall não fala ao mundo a partir de um não lugar, nós sabemos de onde ele está falando".<sup>9</sup> No Brasil, é precisamente de onde Hall está falando que tem sido, por vezes, difícil de apreender: equivocadas leituras críticas de seu trabalho demonstram que o problema é com, ou com a compreensão de, o que ele estava tentando fazer e com seu enraizamento em um determinado tempo e lugar.

Um ponto de vista privilegiado sobre esta incompreensão pode ser obtido na área de Comunicação que, diferente de alguns setores da Sociologia, da Antropologia ou das Letras, no Brasil, é "cego à raça": questões de identidades raciais raramente são estudadas. O ponto de vista comum é global e universalizante em vez de ser contextualizado: Jean Baudrillard, Bruno Latour, Gilles Deleuze e Michel Foucault são quase tão brasileiros como franceses nesse sentido. Este é um sinal do cosmopolitismo da cultura acadêmica brasileira, na qual autores seminais, inovadores e atuais são lidos, na tradução ou não, sem muita consideração pela origem nacional, embora a geopolítica mundial desempenhe um papel e textos asiáticos e africanos sejam poucos, enquanto textos europeus, norte-americanos, e alguns latino-americanos são comuns. Mas esses textos são frequentemente lidos dentro de uma tradição de alta teoria, onde os conceitos estão relacionados primeiro com outros conceitos, não com uma formação social particular.

É difícil ler Hall em chave conceitual desterritorializada precisamente pelas virtudes citadas por Tharu: seu apego a determinado

tempo e lugar, os detalhes específicos que ele espera que o público reconheça e, dentro disso, sua jovialidade e ironia. Esta dificuldade surgiu durante a tradução de sua obra. Em "Pensando a Diáspora", a expressão "*freedom rides*",<sup>10</sup> mencionada como uma narrativa metafórica da libertação, esperança e redenção, é explicada em uma nota de rodapé (tratavam-se de contravenções às leis de segregação racial no transporte público), mas teria sido uma grande distração explicar o hinário de Sankey & Moody como fonte da canção "Avante Soldados de Cristo", que Hall menciona em sua descrição de como a "África" continua viva no cristianismo do Caribe.<sup>11</sup> A referência ao poema de Robert Browning no subtítulo do mesmo texto, "*Home-Thoughts from Abroad*", e, portanto, sua ironia pós-colonial, me escapou durante anos, embora eu esteja familiarizada com a linha de abertura saudosista do poema, "*O, to be in England / Now that April's there*" [O, estar na Inglaterra / agora que chegou abril].

Mas o que se perde na tradução é menos importante do que o que permanece. No mesmo ensaio, o que pode ser feito com os povos do Caribe "de descendência africana - mas como Shakespeare teria dito, 'norte pelo noroeste'?"<sup>12</sup> Mais uma vez, a nota explicativa foi invocada, mas quanto vale saber que o contexto original é de Hamlet dizendo "meu tio-pai e minha tia-mãe estão enganados... Eu sou louco, norte por noroeste. Quando o vento é do sul, eu sei distinguir um falcão de um serrote?" Ainda usa metáforas bíblicas em "Estudos Culturais e seu legado teórico", comparando o trabalho teórico com lutar com os anjos,<sup>13</sup> lembrando como o feminismo "chegou como ladrão à noite".<sup>14</sup> Sem contar outras referências, como o "fantasma de Hegel na máquina



marxista", com seus ecos da filosofia de Gilbert Ryle e do LP da banda The Police, de 1981, e sucedâneos.<sup>15</sup> Embora tudo isso seja um motivo de alegria no trabalho de tradução, o arraigamento de Stuart Hall em um idioma e cultura que são frutos de uma "história, uma geografia e uma formação social estruturados de maneira complexa" teve o efeito de tornar seus textos mais, e não menos, difíceis de ler no Brasil. Neste país, o encontro entre Hall e a academia brasileira ocorre principalmente onde abstrações imperam: na teoria da recepção e nos diagramas de "Codificação/Decodificação" e no marxismo, bem como na ideia de identidade, mais frequentemente utilizada na análise das subculturas, em vez das políticas de cultura que ele favorecia.

Sem valorizar o foco de Hall na conjuntura, seu marxismo é lido como o dos *wishful thinkers*, ativistas políticos e acadêmicos que pensavam que tinham "garantias" de resultados, mas cujas teorias não os impediram de ser derrotados pela ditadura militar de 1964-1985. Para alguns, ele é um teórico ligeiro, útil para aqueles que preferem agarrar-se no seu marxismo, a reconhecer novos tempos. Por exemplo, o teórico de comunicações Ciro Marcondes Filho despreza Hall por se voltar para Louis Althusser justamente quando este estava deixando a cena do debate teórico, por continuar a usar o termo *ideologia* depois de ele ser suplantado, por dar à linguagem um papel enorme no controle social. Para Marcondes, o interesse de Hall pela cultura do reggae e pela importância da "África", sempre entre aspas, tem a ver com uma teoria ingênua da recepção, com a audiência repartida em

grupos sociais segundo raças, classes, gêneros. Como exemplo, Hall gosta de citar a minoria rastafári. O grupo apanha um texto bíblico, inverte-

lhe o significado, representando, apenas esta operação, um processo que mexe com a identidade do próprio grupo: eles reconstroem-se a si mesmos como negros do novo mundo, tornando-se “o que eles são”.<sup>16</sup>

Aqui, o que Hall realmente escreveu se perde não só na tradução das suas referências culturais ou na leitura equivocada de sua forma provisória de usar teoria e conceitos, sobre o que ele falou e escreveu extensivamente, mas em certa má vontade em relação aos problemas de política identitária que fundamentam seu trabalho.

Em outros momentos, a partir da perspectiva da antiga esquerda nacionalista, Hall é visto como peso leve político, alguém que vive a uma distância confortável de sua cena jamaicana original. Para Vera Follain de Figueiredo, ele é um intelectual diaspórico apartado da "ação política local e, portanto, livre de um tipo de ativismo que iria colocá-lo à prova".<sup>17</sup> O reconhecimento do Brasil como sociedade diaspórica não é considerado em tal análise. Mesmo assim, esse reconhecimento ainda está por se fazer, aqui como em muitos ambientes. Mas a má interpretação de Hall mais comum repousa sobre a face teórica do díptico teoria-política. Reduz seu trabalho ao mundo conceitual do qual ele sempre se distanciou, aquele em que o estabelecimento de bons conceitos é o objeto do exercício. É por isso que *A identidade cultural na pós-modernidade*, que mapeia as conceituações de identidade, e o texto seminal “Codificação/Decodificação” são sempre os favoritos nos cursos de graduação: eles se prestam a ser citados sem referência a toda a rede de pensamento e postura de Hall sobre determinadas conjunturas, contextos e formações sociais. Eles permitem atenção em primeiro lugar

a conceitos e princípios e seu aproveitamento em determinadas metodologias e abordagens.

Eu não tinha a tendência para a abstração que a educação superior brasileira estimula e o universo cultural de Hall não me era muito estranho. Os quatro anos em que vivi nos Estados Unidos como adolescente, nos anos politicamente importantes de 1967-1971, e em Londres, entre 1977 e 1980, me ajudaram a entender a política em que ele estava imerso. Mas mesmo assim, não sabia claramente, parece-me em retrospectiva, como elaborar o impacto que sua escrita teve sobre mim. Era agradável revisar as traduções de sua obra *Da diáspora*, não só por causa da competência, paciência e interesse da tradutora, Adelaine La Guardia Resende, com quem discuti palavras e expressões. O trabalho de Hall me ganhou de uma forma como apenas os escritores de ficção fizeram antes. Eu brinquei com Stuart que, se ele não queria discípulos, eu poderia ser sua *backing vocal*: dessa forma haveria disciplina sem discipulado, e eu não teria que lutar com ele como se estivesse lutando com um anjo. Descobri que muitas vezes me perguntei o que ele pensaria, ao me deparar com cada nova pergunta ou problema no meu trabalho. Entrei de cabeça.

O problema em que eu estava pensando, no mesmo ano em que Stuart e Catherine Hall visitaram a Bahia, foi como no Brasil a violência da desigualdade social tem sido camuflada por discursos sobre afeto. Tomei como exemplos o bordão do colunista José Simão, “Nós sofre, mas nós goza”; a popularidade entre a classe média do videoclipe “Diário de um detento”, dos Racionais MCs, sobre a chacina do Carandiru em 1991, que ganhou prêmio do público da MTV em 1998; e o mito do

Brasil como a terra de um povo feliz e afetuoso. Esse problema se transformou muito rapidamente em um projeto sobre como hierarquias racistas são naturalizadas em um país onde se diz que todos são mestiços, atentando para a branquitude nesse contexto. Desde o início, uma frase de "Que 'negro' é esse na cultura negra?" me ajudou a adotar um percurso que resultou em um livro, publicado no final de 2009, intitulado *Aqui ninguém é branco*. Essa frase, todo um objeto de pesquisa resumido em poucas palavras, diz: "Etnicidades dominantes são sempre sustentadas por uma economia sexual específica, uma figuração específica de masculinidade, uma identidade específica de classe".<sup>18</sup> Eu tinha um problema que era tanto de aparência como substantivo: sou uma estrangeira e a visão dos estrangeiros de questões delicadas em qualquer lugar, especialmente em países que sofrem a condescendência de europeus e norte-americanos, é frequentemente considerada obtusa ou etnocêntrica. E geralmente são. Mas eu queria que meu livro resistisse aos contra-argumentos mais sutis e instruídos advindos do interior das complexidades da cultura brasileira e, como porta-voz principal dessa cultura, escolhi o cantor-compositor Caetano Veloso por seu conhecimento sutil, íntimo, e comparativo da cultura brasileira e pelo período de tempo no qual ele tem estado na cena cultural brasileira: desde os anos 1960.

Enquanto Caetano é o coro grego do meu livro ou, para misturar metáforas clássicas, uma espécie de *vox populi vox dei* sobre a raça no Brasil, o lugar de trabalho de Hall é mais diverso. Cito "The Spectacle of the 'Other'", e em particular sua conclusão, na qual Hall compara duas fotos de homens nus, uma de Robert Mapplethorpe e outra de Rotimi

Fani-Kayode, para ilustrar sua ideia de olhar “através do olhar da representação”.<sup>19</sup> O destaque da segunda foto parece-me um "desafio para pensar discursos dos meios de comunicação, no caso a música popular, com atenção especial para os momentos em que liberdade, fantasia e humor implodem expectativas e contagiam os estereótipos nacionais com outros significados, até com sentidos ‘impróprios’”.<sup>20</sup> Defendo que a branquitude é um problema teórico, para mim, como a ideologia o é para Hall: porque é político e estratégico, e não por ser um problema abstrato e conceitual. Uso a citação sobre as etnicidades dominantes tirada de "Que ‘negro’ é esse?" como epígrafe para uma discussão de "Garota de Ipanema" e a bossa nova como um projeto cosmopolita para a classe média branca. Cito Hall dizendo que " A predominância das ideias dominantes não é garantida pelo fato de estas estarem atreladas às classes dominantes" e sobre a importância da "África" para a descolonização de mentes em Brixton e em Trench Town.<sup>21</sup> Cito "Identidade Cultural e Diáspora" para dizer que, como o cinema britânico negro emergente, o álbum manifesto de Caetano Veloso sobre raça, *Noites do Norte*, lançado em 2001, pode ser considerado uma exploração de possíveis posições de sujeito.<sup>22</sup> Eu gosto da metáfora de Hall para explicar o uso adequado de ideias formuladas em contextos distintos, quando pretende delicadamente desenterrar e transplantar as ideias de Antônio Gramsci, "para um novo terreno, com muito cuidado e paciência", e escrevo que eu quero fazer o mesmo com as ideias de Hall.<sup>23</sup>

Mas o impacto do trabalho de Hall e das conversas que tive com ele em minha cabeça, por e-mail e quando o visitei em Londres não

podem ser reduzidos aos temas sobre os quais eu o cito. Se à minha volta ele foi lido como o teórico que ele disse que não era, eu o estava lendo sem visão geral. A sua afirmação de que uma vida intelectual dentro da academia pode ser politicamente significativa me inspirou, como a outros. Embora eu não tenha percebido isso na época da sua palestra na Bahia - eu era muito nova nessa discussão e estava muito ocupada com providências práticas - seu modo de pensar a diáspora como central por causa de sua enorme produtividade, deslocando os pormenores e a brutalidade dos esquemas brancos de poder do centro das atenções para se concentrar no que lhe interessava, deu força ao meu desejo de escrever sobre o racismo de uma forma que não fosse movida pela força da indignação ou da denúncia, mas que capturasse a atenção das pessoas por meio da identificação de recursos culturais existentes que poderiam apontar "saídas". Eu escrevi sobre a branquitude em diálogo com mulheres negras ativistas. Uma delas, uma amiga que comentou e revisou o que eu publicava em português, na época, ajudou-me em esforços para escrever para as pessoas fora dos muros da academia: o que Hall disse sobre isso fez sentido para mim.[nota] A maneira como ele pensava a diáspora como chave, como sinal dos tempos, sua preocupação com processos históricos como determinantes das condições atuais e sua disposição de teorizar até mesmo sobre os assuntos mais banais, tais como a cobertura da imprensa de um assalto<sup>24</sup> ou um amigo negro causando escândalo por ser chamado de "negro" no meio da rua:<sup>25</sup> tudo isso foi útil para desmontar preconceitos sobre o que eu poderia chamar de "provas" em um argumento que foi teórico pela definição de Hall.

Mas estes são ainda protocolos para a leitura de textos e, como tal, não são capazes de explicar o que se tornou evidente depois da morte de Stuart: a forma como o seu pensamento tornou-se, para pessoas próximas e distantes, para colegas, estudantes, leitores e leitoras dos mais diversos tipos, uma questão pessoal. Produzir um conceito é uma espécie de ato heroico, de acordo com a mitologia que predomina na academia, mas ao contrário do impacto dos teóricos franceses, o de Hall não é consubstancial com a validade de seus conceitos. Reunir seu trabalho sob uma única rubrica de acordo com o princípio da autoria produz Stuart Hall como uma espécie de gênio romântico, mas não reflete o impacto de seu pensamento. O que é, afinal, o seu dom particular?

Se Hall estranhamente não pode ser lido como outros teóricos contemporâneos, se é bastante semelhante a eles e ainda radicalmente diferente, talvez seja porque seus modos de pensar e sua utopia descendam mais da cultura do que da política. Ele às vezes parecia uma espécie de pregador, impulsionado pela "urgência feroz do agora" de Martin Luther King, no discurso do "Tenho um sonho". Prestando atenção à metáfora, com uma clara consciência do público real ou imaginário diante dele, tinha uma lição a dar. Mas isso talvez diga mais sobre a relação íntima entre pedagogia e pregação do que sobre a natureza de seu pensamento, porque Hall sempre insistiu que a salvação não estava à mão. Sua atitude respeitosa a pessoas diferentes dele fluiu para sua escrita - a apropriação dos conhecimentos fornecidos pelo trabalho de Mapplethorpe é um bom exemplo.<sup>26</sup> Mas essas metáforas da prática religiosa, da pregação e do diálogo fraterno, ainda ficam aquém de uma explicação de sua maneira de pensar.

No artigo "Que 'negro' é esse na cultura negra?", Hall destaca como "o povo da diáspora negra tem, em oposição a tudo isso [a centralidade da escrita para a crítica logocêntrica], encontrado a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música".<sup>27</sup> Neste texto breve e inevitavelmente ficcional sobre Stuart Hall, o que mais se aproxima da explicação de por que seu pensamento é ao mesmo tempo familiar, estranho e profundamente afetante é que ele é semelhante à música. Em seu trabalho Stuart examinou temas de várias perspectivas, como se estivesse produzindo variações em tensão umas com as outras. Ele ouvia outras pessoas, autores e teorias, tratando-os como se fossem parceiros na improvisação, adotando seus temas, abrindo espaço para os seus solos, respeitando sua força. Em tudo isso ele parecia, para esta ouvinte, fazer algo extremamente importante, que era pautado na poética do reggae e na liberdade complexa do jazz.



Stuart Hall no Partisan Coffee House, Soho, Londres, cerca 1958-59.



## Notas

---

\* Possui graduação em English Language and Literature - Yale University (1977), mestrado em Estudos Latino-Americanos (área de Comunicação) - University of Texas at Austin (1985) e doutorado em Ciências da Comunicação - Universidade de São Paulo (1994). Fez pós-doutorado em Goldsmiths College - University of London entre 2007 e 2008. É professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [isovik@gmail.com](mailto:isovik@gmail.com)

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado em um dossiê sobre “The Gift of Stuart Hall”, em **Small Axe: A Caribbean Journal of Criticism**. n° 46, março de 2016. Reeditado com autorização de Duke University Press.

MORLEY, D.; CHEN, K-H. (orgs.). **Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies**. Londres: Routledge, 1996.

<sup>2</sup> Disponível em português em HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, L. (org.). Trad.: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003. pp. 335-349.

<sup>3</sup> HALL, S. *Diasporas, or the Logics of Cultural Translation*. **Palestra de abertura do 7º Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada**, Salvador/Bahia, Brasil, 2000, p. 1.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>6</sup> HALL, S. *op. cit.*, 2003. A primeira reimpressão revista do livro saiu em 2006 e a segunda edição em 2013.

<sup>7</sup> HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8ª. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

<sup>8</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, H.; SOVIK, L. O papa negro dos estudos culturais: Entrevista de Stuart Hall. **Jornal do Brasil**, 3 de janeiro de 2004.

<sup>9</sup> THARU, S. IAMR 2014: Tribute to Stuart Hall. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=tr6KABAm93A](http://www.youtube.com/watch?v=tr6KABAm93A)> (Acesso em: 07/09/2014).

<sup>10</sup> HALL, S. *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*. In: HALL, *op.cit.*, 2003. p. 29.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 204. Refere-se a Gênesis 32: 22-32.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 209. Refere-se a I Tessalonicenses 5:2.

<sup>15</sup> HALL, S. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: HALL, *op. cit.*, 2003, p. 168.

<sup>16</sup> MARCONDES FILHO, C. Stuart Hall, *cultural studies* e a nostalgia da dominação hegemônica. **Communicare**, no. 1, 2008, p. 33.

<sup>17</sup> FIGUEIREDO, V. L. F. de. Exílios e diásporas. In: MARGATO, I.; GOMES, R. C. (orgs.). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 137.

<sup>18</sup> HALL, S. Que “negro” é esse na cultura negra? In: HALL, *op.cit.*, 2003, p. 347.

<sup>19</sup> HALL, S. The spectacle of the “Other”. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Representation: Cultural representation and signifying practices**. Londres: Sage/Open University, 1997. p. 275.

<sup>20</sup> SOVIK, L. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. pp. 26–27.

- 
- <sup>21</sup> HALL, S. Pensando a diáspora: refletindo sobre a terra no exterior. In: HALL, op. cit., 2003, p. 43.
- <sup>22</sup> HALL, S. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, 1996, pp. 68-75.
- <sup>23</sup> HALL, S. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: HALL, op. cit., 2003, p. 297.
- <sup>24</sup> HALL, S. et al. **Policing the Crisis: Mugging, the State, and law and order**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1978.
- <sup>25</sup> HALL, S. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: HALL, op. cit., 2003, p. 187.
- <sup>26</sup> HALL, S. In: GUPTA, S. **Stuart Hall: On Photography**. Disponível em: <[www.vimeo.com/51527926](http://www.vimeo.com/51527926)>. Acesso em: 08/09/2014.
- <sup>27</sup> HALL, S. Que “negro” é esse na cultura negra? In: HALL, op. cit., 2003, p. 342.